

notícias

Bancos Locais de Voluntariado uma realidade a crescer em Portugal

Muitas vezes as pessoas que querem iniciar voluntariado não sabem como e onde se devem dirigir. Por sua vez, existem muitas organizações que precisam de voluntários. Para harmonizar este encontro e encaminhar as pessoas interessadas em fazer voluntariado, foram já criados no nosso país vários bancos locais de voluntariado. Estes bancos, alguns resultado de iniciativas municipais, em articulação com o CNPV pretendem ser uma ponte de encontro e informação para o voluntariado.

Bancos Locais de Voluntariado em funcionamento ou em fase de arranque

Em: **Lisboa**
Oeiras
Cascais
Figueira da Foz
Montijo
Região Autónoma da Madeira

Voluntários portugueses em missões da ONU

Dezembro de 2002

Total - 15
Homens - 7
Mulheres - 8

Idade

Entre 25 e 34 - 10
Entre 35 e 44 - 4
Entre 45 e 54 - 1

Media de idade - 34 anos

Países

Em Angola - 5
Em Moçambique - 1
Em Timor Leste - 5
Na Jugoslávia - 1
Na R. D. Congo - 1
No Sudão - 1
Na Guatemala - 1



Fonte: ONU/VNU

Casa do Voluntário

Na Madeira existe uma casa pequena e engraçada que tem sempre uma porta aberta para receber pessoas de boa vontade. Situada no centro do Funchal, a casa não tem muitos metros quadrados, nem muitos luxos, mas tem cadeiras confortáveis para receber todos os que queiram ajudar o próximo.

Como não poderia deixar de ser, chama-se "Casa do Voluntário" e surgiu na sequência das comemorações do Ano Internacional comemorado em 2001. Uma ideia apadrinhada, desde o início, pela presidente do Conselho de Administração do Centro de Segurança Social da Madeira, Fátima Aveiro, que realizou todos os esforços para abrir este novo espaço, o primeiro do género a nível nacional. Inaugurada a 15 de Fevereiro deste ano, tem como grande objectivo receber todas as pessoas que queiram ser voluntárias e encaminhá-las para diversas instituições da Região em áreas como a acção cívica, acção social, saúde, ambiente, desporto, defesa do património ou do consumidor.

Com o logotipo de uma casa formada por braços que se estendem e que formam o "V" de voluntário, esta estrutura de âmbito regional visa promover e apoiar o fortalecimento do voluntariado na Região Autónoma. Todo este trabalho é realizado, também ele, por três voluntárias que, desde o primeiro dia, aceitaram o desafio de dinamizar um projecto audacioso. Apesar do cepticismo inicial, o optimismo cedo surgiu com a chegada de jovens e adultos que fizeram questão de aderir ao projecto.

Com o intuito de dinamizar e para que haja sempre uma ligação directa com os voluntários, a Casa realiza encontros mensais onde convida um orador para abordar áreas que estejam directamente ligadas a este sector. Neste encontro estabelecemos contactos directos com as pessoas que se juntaram a esta causa. Uma avaliação que permite a permanência ou reencaminhamento dos voluntários para outra instituição.

Actualmente, os elementos da Casa do Voluntário estão muito satisfeitos com o trabalho realizado e conscientes de que estes primeiros meses foram o início de um longo percurso cheio de sucesso e enriquecedor em prol de uma sociedade cada vez mais justa e com mais amor.

Casa do Voluntário

Rua do Frigorífico nº 15. 1º andar
9050-024 Funchal. Tel 291280153.



agenda

Celebrações nacionais do Dia Internacional dos Voluntários em 2002

5 de Dezembro

Lisboa

- Reunião aberta do CNPV
- Assinatura de Protocolo de Programa de Voluntariado no âmbito do Euro2004
- Lançamento do Guia do Voluntário.

Funchal

- Cerimónia comemorativa com representação do CNPV



DIA INTERNACIONAL DOS VOLUNTÁRIOS

Ficha Técnica:

"Voluntariado, Hoje"

Edição:

Conselho Nacional para a
Promoção do Voluntariado
Rua Castilho, 5 - 3º
1250-066 Lisboa

Para informações e sugestões:

cnpv.bolelim@mail.pt

Grafismo: web4all

Distribuição: Gratuita

Tiragem: 10.000 exemplares



Conselho Nacional Para a Promoção
do Voluntariado

Voluntariado, hoje

Boletim nº2

Dezembro de 2002

10.000 exemplares

editorial

VOLUNTARIADO ESTRUTURANTE

A propósito do Dia Internacional dos Voluntários (5 de Dezembro), vale a pena lembrar e acentuar que o voluntariado é uma realidade estruturante da sociedade humana, e não uma espécie de apêndice ou actividade provisória até à substituição pelo trabalho remunerado. Com efeito, o voluntariado é verdadeiro exercício de cidadania, e uma parte significativa da cidadania exerce-se em regime de voluntariado.

O trabalho voluntário responde aos diferentes problemas, de maneira espontânea, imediata, directa, incondicional e, sobretudo, intrinsecamente humana. E o trabalho voluntário, no seu conjunto, actua em inúmeros domínios de actividade, responde pela solução de inúmeros problemas e lança diversas outras iniciativas de natureza social, económica, educativa, cultural, desportiva, ecológica, religiosa...

Por outro lado, todas as actividades típicas da cidadania são exercidas em regime de voluntariado (reconhecido ou não como tal) pela generalidade dos cidadãos. É o que acontece na militância em geral, nas campanhas eleitorais, nas mesas de voto, no exercício de algumas funções a nível autárquico, na actividade sindical, no associativismo e em inúmeros outros sectores.

Claro que, em todos os sectores de militância e de exercício de cidadania, intervém o trabalho remunerado. No entanto, a maioria dos cidadãos actua sem contrapartida financeira. E é de notar que em paradoxo aparente a própria movimentação reivindicativa, a favor de aumentos salariais, tem no voluntariado o seu lastro e o seu dinamismo de base.

Justifica-se perguntar: uma sociedade sem voluntariado seria humana? Seria humanamente possível?

Acácio F. Catarino

Presidente do Conselho Nacional para a Promoção do Voluntariado

índice

Neste Número:

Ano Internacional dos Voluntários

Dinamismo com futuro

Pag. 2

Por

Maria José Ritta



Ser Voluntário

Pag. 2

Por

Mariana Torres Cascais

Secretária de Estado da Educação

Voluntariado, hoje!

Pag. 3

Por

Margarida Corrêa de Aguiar

Secretária de Estado da Segurança Social

Voluntariado Jovem

Pag. 3



Testemunhos de Voluntários

Voluntariado e

Solidariedade: Reflexões

Pag. 4



Porquê o voluntariado?

Pag. 5



Depois de 2001: Voluntariado e Desenvolvimento

Pag. 7

Edição comemorativa do
Dia Internacional dos Voluntários



ANO INTERNACIONAL DOS VOLUNTÁRIOS: dinamismo com futuro

O Ano Internacional dos Voluntários ficou marcado, entre nós, pela visibilidade dada ao voluntariado e, bem assim, pelo seu reconhecimento e aprofundamento. O voluntariado foi objecto de difusão, de estudo e de expressões públicas de apreço.

Agora, assistimos a duas tendências complementares: uma consiste na permanência e renovação do voluntariado tradicional; e a outra, na abertura a novos domínios e motivações, tais como a ecologia, o desenvolvimento local, a cooperação entre os povos, a promoção de direitos humanos...

As duas tendências completam-se estreitamente e aproximam-se cada vez mais na identidade do voluntariado, na consciência da cidadania e na co-responsabilidade pelo desenvolvimento humano.

Neste momento, e olhando para o futuro, há quatro linhas de acção que justificam alta prioridade: a qualificação de voluntários e de suas associações; o desenvolvimento do voluntariado em todas as localidades; a organização interna; e a cooperação com outras organizações, incluindo empresas, na



Promoção do desenvolvimento nas suas múltiplas dimensões.

Estas linhas de acção figuram nas conclusões do Ano Internacional dos Voluntários. Justifica-se assumi-las cada vez mais nos programas de acção do voluntariado e avaliar periodicamente o seu grau de execução.

Maria José Ritta

Presidente da Comissão Nacional para o Ano Internacional dos Voluntários em 2001

Ser voluntário...

Ser voluntário é apenas isso mesmo; com mais ou menos tempo, maior ou menor altruísmo, todos somos alguma vez um pouco voluntários. Porque os Estados se demitem ou porque a sociedade civil aprendeu novos valores/formas de solidariedade, a verdade é que o voluntariado entrou no vocabulário dos portugueses para o bem e para o mal.

Por razões várias eu sou voluntária; pelas mesmas razões, não escolhi o tipo de serviço (porque é realmente de um serviço que se trata); não que me tenha sido imposto, mas tão só porque estava ali, como que à minha espera.

E eu encontrei-me a trabalhar com aqueles que da vida quase só já trazem algumas memórias, quantas vezes com o desejo de as ter deixado algum dia em algum lugar...

Velhos sempre, doentes muitas vezes, na maioria dos casos muito pobres, só todos os dias, é essa população que conta a história de uma sociedade que, porque é do bem-estar, não pode perder tempo com constrangimentos que eventualmente impeçam esse bem-estar.

Não é fácil, até porque não há saídas. A porta de entrada nesta área do voluntariado é atractiva: somos os novos heróis que dão de si sem que ninguém lho peça, quando a remuneração não está às vezes, sequer, ao nível de um sorriso... As portas de saída, essas, abrem-se inevitavelmente para um abismo irreversível que é o fim próximo daqueles a quem servimos e a convicção de que cada um deles partilha connosco essa certeza.

E é exactamente aí que nasce a angústia; na noção da incapacidade, na quase inutilidade do pouco que podemos dar.

É aí que deixamos de ter resposta para o que foi a nossa viagem até ao sofrimento dos outros. Auto-punição, redenção, satisfação pessoal, demonstração ou, eventualmente, um acto de amor sem direcção objectiva?

Quando eu voltar provavelmente encontrarei uma resposta.

Mariana Torres Cascais

Secretária de Estado da Educação

Depois de 2001: Voluntariado e Desenvolvimento

Por Henri Valot

Celebramos a 5 de Dezembro o Dia Internacional dos Voluntários para o Desenvolvimento Económico e Social¹. Assim, assume-se pertinente relembrar as aquisições do Ano Internacional dos Voluntários (AIV), reforçando a sensibilização do grande público e a consolidação das redes constituídas em 2001. Este é, afinal, o nosso Dia para chamar de novo a atenção do mundo inteiro sobre as diversas formas de voluntariado, a sua multiplicidade o seu potencial para o desenvolvimento.

O AIV2001, proclamado pelas Nações Unidas, visava preponderantemente uma melhoria no reconhecimento do impacto do voluntariado nas nossas sociedade. E o Ano permitiu a celebração da diversidade e do espírito da acção do voluntariado. Podendo variar entre concepções diversas que vão desde a entajuda, a filantropia, a participação cívica ou até a militância, existem características comuns ao entendimento de voluntariado. Estas características comuns fundamentais são: gratuidade; livre-arbítrio e o benefício a terceiros. O enquadramento organizacional e o envolvimento duradouro são outras características apontadas por vários teóricos. Mas o acordo é unânime sobre o facto de o voluntariado resultar em benefícios tanto à sociedade como aos indivíduos, reforçando a coesão social e a cidadania.

Para a maioria das sociedades humanas, um dos valores essenciais é a entajuda mútua, que pode revestir múltiplas formas. As pesquisas do Banco Mundial² demonstram que a entajuda comunitária tem um importante impacto sobre a redução da pobreza. Para além disso, estes estudos demonstram ainda o impacto positivo das acções de voluntariado sobre a coesão social, sobretudo em sociedades com situações de conflito ou pós-conflito. O voluntariado organizado contribuiu para a coesão social através do intercâmbio informal de saberes, baseando as suas acções nas comunidades locais. Os economistas apresentam geralmente seis formas de capital: o capital natural; financeiro; produtivo; humano; infra-estrutural e, mais recentemente, o capital social. O capital social de uma sociedade é constituído pelas suas normas, instituições, redes, organizações, tradições e atitudes. O AIV 2001 favoreceu o reconhecimento de uma sétima forma de capital: o "capital voluntário" - este invoca não só para a sociedade o valor qualitativo dos voluntários, expressado na confiança mútua e os múltiplos laços sociais, mas também a contribuição daqueles nas economias nacionais. No seguimento deste paradigma, a participação e a parceria tornam-se cada vez mais conceitos-chave na maioria dos programas de voluntariado que têm como objectivo a luta contra a pobreza e a exclusão social.

O voluntariado sustenta o conceito de acção comunitária, pedra basilar do desenvolvimento da sociedade civil, essencial à boa governação e à redução da pobreza. Os voluntários contribuem para o reconhecimento comum da necessidade de um desenvolvimento participativo.

Pouco antes do lançamento do Ano Internacional dos Voluntários, a Cimeira do Milénio reuniu dirigentes de 189 Estados membros das Nações Unidas. Nesta Cimeira foi adoptada uma declaração sobre os desafios do planeta, fixando os objectivos do Desenvolvimento do Milénio. Esta declaração das Nações Unidas é também fruto dos apelos dos voluntários e das organizações da sociedade civil.

Objectivos de Desenvolvimento do Milénio para 2015

1. Reduzir para metade a pobreza extrema e a fome
2. Alcançar o ensino primário universal
3. Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres
4. Reduzir em dois terços a mortalidade das crianças com menos de 5 anos
5. Reduzir em três quartos a taxa de mortalidade materna
6. Combater o VIH/SIDA, a malária e outras doenças
7. Garantir a sustentabilidade ambiental
8. Criar uma parceria ambiental para o desenvolvimento

A Declaração do Milénio apela a um ambiente favorável no seio do qual os diferentes sectores da sociedade possam contribuir, segundo os seus próprios meios, para a concretização dos oito Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. Aliás, segundo Kofi Annan, Secretário Geral das Nações Unidas, neste sentido a parceria com a sociedade civil não é uma opção mas sim uma necessidade. Assim, a ONU enceta um claro reconhecimento e apelo aos voluntários que, com a sua acção e participação, contribuem para o alcance destes objectivos.

As realizações do AIV e o seu êxito impõem que seja assegurada a promoção do voluntariado para além de 2001. Ainda que grande parte das Comissões nacionais criadas para as comemorações do Ano já não estejam em actividade, foram criadas ou reforçadas muitas estruturas, como centros e redes organizadas de apoio nesta áreas. À semelhança de Portugal, muitos países têm Conselhos permanentes de Voluntariado.

O relatório do Secretário Geral das Nações Unidas sobre o Ano Internacional dos Voluntários, apresentado a 26 de Novembro na Assembleia Geral da ONU, salienta as dimensões de apoio e actividades de fomento, promoção e cooperação que concernem o desenvolvimento futuro do Voluntariado na agenda mundial. O Ano Internacional dos Voluntários contribuiu ainda para trazer à luz esta participação inestimável dos voluntários nos objectivos das Nações Unidas, apelando, acima de tudo, ao contributo de todos para uma mundialização que seja mais humana.

Henri Valot,

do Programa dos Voluntários das Nações Unidas, foi o coordenador da Equipa Ano Internacional dos Voluntários.

¹ http://www.iyv2001.org/iyv_eng/IVD/resolution/index.htm

² <http://www.worldbank.org/poverty/scapital/>

CVP A BRINCAR

"CVP a brincar" é o nome da acção de voluntariado no domínio do apoio a crianças e jovens, que vem sendo desenvolvida, desde Abril de 1999, pela Delegação de Lisboa da Cruz Vermelha Portuguesa no Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria.

É um trabalho realizado por cerca de 30 animadores/voluntários, com idades compreendidas, maioritariamente, entre os 18 e os 25 anos, que colaboram nas actividades lúdico-pedagógicas desenvolvidas pelas educadoras de Infância daquela Unidade de Saúde.

Através de jogos, pinturas, teatros, festas temáticas, desenhos, fantoches, etc., estes jovens voluntários tentam distrair, acalmar e divertir as cerca de 200 crianças que passam diariamente pelos Serviços de Internamento e Consulta Externa. Ao mesmo tempo é uma oportunidade para estreitar laços entre os pais e também ajudá-los a reagir ao "stress" de uma situação clínica mais complicada.

A coordenação local desta actividade é da responsabilidade da voluntária Maria José Eloy, educadora de infância e membro da Direcção da Delegação de Lisboa que, com muita alegria, partilha connosco a boa sensação de dar aos outros o seu tempo e desabafa:

"Entramos para dar e recebemos mais do que aquilo que damos".

E conta-nos com emoção: "Tenho sempre presente a imagem de uma criança que estava tão triste, antes e durante o tratamento. Um bocadinho depois, após termos estabelecido empatia, sai com um sorriso e pergunta: "Voltas amanhã?"



Voluntariado cristão nas prisões

Um visitador cristão nas cadeias, está em nome de Jesus. Fomos convidados a trabalhar com irmãos feridos, e a nossa missão é manifestar-lhes o Amor de Jesus Cristo.

Dar o sentido de que Deus, não veio salvar almas, veio salvar homens.

O sentido de que João Paulo II nos interpela a viver: «Que não haja homem excluído pelo Homem».

O preso quase sempre sofre de desamor, muitas vezes os familiares, os amigos, companheiros/companheiras, os abandonam e o homem foi criado para o Amor e sofre por não viver esses afectos. O preso normalmente sofre de muitas carências, económicas, culturais, afectivas. Cada preso é distinto, cada um tem a sua personalidade, então a

Mãos que deixam saudades

"Já tinha saudades destas mãos". Esta frase marcou muito a voluntária Lígia de Freitas que apoia na distribuição do lanche aos idosos que frequentam a Casa do Povo de São Martinho. Nunca na vida pensou que um dia poderia ser voluntária. O aparecimento da Casa do Voluntário na ilha da Madeira e o facto conhecer uma das pessoas que dinamiza esse novo espaço, levou a que fosse uma das primeiras voluntárias a ser colocada numa instituição.

Inicialmente não parecia muito motivada, até porque conhecia algumas pessoas que frequentavam a Casa do Povo e não partilhava qualquer tipo de amizade com as mesmas. Apesar desse receio, depressa criou laços de amizade com as funcionárias da instituição e com alguns dos idosos que todas as tardes usufruem daquele espaço para conviverem.

Por norma, faz voluntariado duas vezes por semana. Mas sempre que são realizadas actividades extras, como jantares ou lanches comemorativos em que o número de utentes é muito superior ao normal, ou passeios em que é necessário apoiar os idosos, Lígia está sempre pronta a ajudar.

Depois de uns tempos de férias, quando regressou à Casa do Povo, foi com alguma emoção que ouviu uma senhora dizer que já tinha saudades das suas mãos a colocar as sandes e os cafés na mesa. Hoje, Lígia, com 66 anos, não consegue imaginar a sua semana sem passar pela Casa do Povo, pois encontrou um espaço onde pode conversar e, principalmente, ser útil.

Quando dialogamos com esta voluntária, gosta de ironizar que alguns dos idosos que passam pela Casa do Povo são mais novos do que ela. No futuro, pretende cativar esses utentes para a leitura e ensinar-lhes a gostar de música clássica.



nossa missão é escutá-lo com atenção, indo ao seu encontro esforçamo-nos por compreendê-lo e ajudá-lo, às vezes só dando o nosso tempo, outras um sorriso, por vezes tentamos contactar com os familiares, dando algo de material, mas o mais importante é dar-lhes amor, e que em cada recluso nasça a esperança e o desejo forte de se tornarem homens dignos e felizes.

«AGRADEÇO A POSSIBILIDADE QUE ME TEM DADO DE PODER "VER" O MUNDO LÁ DE FORA PELOS SEUS OLHOS O QUE POR MOMENTOS ME FAZ SENTIR LIVRE DENTRO DESTAS PAREDES.»

Nélinha

(Visitadora voluntária do E.P. Linhó Confraternidade Carcerária Cristã)

Voluntariado, Hoje!

Desde sempre que o voluntariado fez parte da sociedade portuguesa.

E fará sempre. Felizmente.

Muitas vezes, quando se fala em voluntariado colocam-se imediatamente questões relacionadas com os níveis de intervenção pública, enunciando relações proporcionais entre mais ou menos Estado e maior ou menor número de voluntários, restringindo a sua dimensão essencial.

Ao nível nacional e internacional, sob égide das Nações Unidas, da União Europeia ou ainda do Conselho da Europa, o voluntariado tem sido reconhecido como estratégia imprescindível na luta contra a pobreza, na garantia do desenvolvimento sustentado e em tantas outras áreas, alargando e reforçando as redes sociais, económicas e culturais, promovendo assim a coesão social.

Contudo, para além do seu inestimável valor, as suas características primordial de espontaneidade e generosidade são é amplamente reconhecidas. Como refere, aliás, a Resolução A/56/288 (2001) da Assembleia Geral das Nações Unidas, dar voluntariamente

o seu tempo e trabalho em favor daqueles que necessitam é acima de tudo uma resposta a um impulso fundamental do ser humano.

O voluntariado não existe, por si só, para preencher um espaço vazio nem, por outro lado, se sobrepõe a acções de outro carácter, tenham estas a ver com o domínio do trabalho remunerado ou das políticas públicas. Tem um espaço próprio, resultante da solidariedade e da livre iniciativa da sociedade civil, entre-laçado pelas parcerias e redes fundamentais para o desenvolvimento.

A modernidade traz-nos, dia a dia, novos desafios. Os voluntários estão atentos para, na sua liberdade e criatividade, exercerem activamente a sua cidadania para um mundo melhor, que só pode ser construído por todos e cada um de nós.

Após o Ano Internacional assinalado em 2001, que este Dia dos Voluntários possa ser comemorado por muitos anos, lembrando a todos, voluntários ou não, que o Voluntariado é uma realidade com passado, presente e, principalmente, futuro!

Margarida Corrêa de Aguiar

Secretária de Estado da Segurança Social

Voluntariado jovem

O voluntariado assume no mundo de hoje um papel decisivo. Ser voluntário significa ter a capacidade de assumir responsabilidades e investir tempo, trabalho e dedicação na solução dos problemas e na resposta às exigências da comunidade. Significa ter a capacidade de reconhecer que sem o envolvimento de cada um no todo, não é possível a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

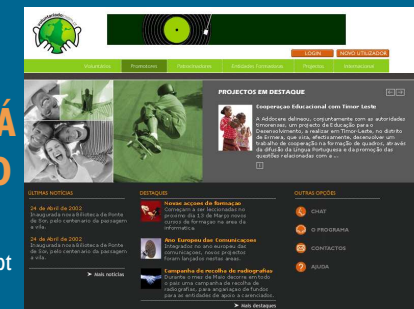
Neste particular, o voluntariado juvenil tem uma posição privilegiada. Este assume-se como factor de promoção do exercício de uma cidadania activa plena, da participação cívica, bem como do valor da solidariedade.

É por esta razão que a Secretaria de Estado da Juventude e Desportos, através do Instituto Português da Juventude, criou, na internet, um espaço de conhecimento e de encontro entre os jovens dos 15 aos 30 anos que pretendam exercer voluntariado, Entidades Promotoras que disponibilizam oportunidades de enquadramento em projectos e actividades socialmente úteis, de acordo com os interesses, capacidades e disponibilidade dos jovens e quem quer viabilizá-los financeiramente, através do seu patrocínio.

AJUDAR ESTÁ NA TUA MÃO

Participe!

www.voluntariadojovem.pt



As áreas de intervenção dos projectos de voluntariado inscritos no sistema são:

- Apoio a crianças
- Apoio a Idosos
- Apoio a pessoas portadoras de deficiência
- Educação e alfabetização
- Humanização do acesso aos serviços públicos
- Apoio a pessoas com problemas de saúde
- Desenvolvimento Comunitário
- Exclusão social
- Protecção do ambiente
- Recuperação do património histórico e cultural
- Protecção dos animais
- Reabilitação e renovação de áreas urbanas
- Desporto
- Minorias étnicas e imigrantes

Ano e meio após o lançamento deste Sistema, muitos são os projectos que por ele passaram, bem como os jovens que nele se inscreveram. De um estudo efectuado a partir dos dados inscritos no site, conclui-se que os jovens voluntários:

- Maioritariamente têm idade compreendidas entre 19 e os 21 anos de idade
- 73% são mulheres
- Residem principalmente nas áreas metropolitanas de Lisboa, Porto e Setúbal
- Têm maioritariamente o ensino secundário geral e a licenciatura

■ Procuram sobretudo as seguintes áreas de interesse:

- apoio a crianças;
- protecção do ambiente;
- educação e alfabetização;
- protecção dos animais;



VOLUNTARIADO E SOLIDARIEDADE: Reflexões

Voluntariado e Solidariedade são duas expressões muito valorizadas e enfatizadas no campo das palavras, mas frequentemente esquecidas no plano das acções. Nesta sociedade de apatia e de indiferença, de competição desenfreada, de ausência de valores, usam-se estes substantivos em termos políticos e sociais nos mais diferentes quadrantes e para sossego de algumas consciências, sem que a força extraordinária destas palavras nos faça passar do plano do discurso para o campo dos actos.

A história da nossa cultura mostra claramente que nos momentos da vida mais difíceis e com mais desafios, respondemos sempre com gestos de generosidade e de entrega.

Neste exercício de reflexão permitir-me-ia juntar outro conceito: a generosidade.

Aí estão as Associações de Bombeiros Voluntários, as Irmandades das Misericórdias, os Centros Sociais e Paroquiais.

São inegavelmente esteios de trabalho generoso e voluntário expressão do serviço que é entrega e gratuidade, de dádiva

de tempo que se concretizou e concretiza na melhoria da qualidade de vida de tantas comunidades.

O voluntariado humaniza as nossas relações sociais, dando resposta a situações desconhecidas e imprevistas, em



acções concretas de entreajuda.

Vivemos num mundo de interdependências onde tudo, influencia tudo.

A solidariedade resulta do facto de sermos e de nos sentirmos independentes, de estarmos ligados uns aos outros numa rede de complementaridades.

No dizer do Papa João Paulo II "a

Firme e permanente de nos empenharmos pelo bem de todos e de cada um, porque todos somos verdadeiramente responsáveis por todos".

Assim o voluntariado surge como componente da solidariedade e poderá constituir a semente de uma nova civilização.

Importa inserir no processo educativo a motivação e a prática do voluntariado.

A escola é o espaço ideal para a construção e edificação das novas atitudes e mentalidades.

Para além do espaço escola, deveríamos implementar esta nova cultura na família, nos círculos de amigos e colegas, no trabalho, em momentos de lazer, de férias, em suma, em toda a nossa vida.

No início deste século, desta civilização do ter, do possuir de dinâmica consumista, continuemos a nossa história rica de exemplos de generosidade para construirmos um futuro de partilha, de voluntariado e de solidariedade.

José Carlos Borges Batalha
Presidente da UIPSS do Distrito de Lisboa e
Vice-Presidente do CNPV

PORQUÊ O VOLUNTARIADO?

Porque acredito que as relações humanas são mais importantes que o hiper valorizado bem-estar material individual.

Porque acredito que o meu tempo em vez de ser convertido em dinheiro pode ser direccionado para a atenção ao outro.

Porque acredito que quem mais facilidades tem obrigação de as proporcionar aos outros na medida em que lhe seja possível.

Porque acho que é preciso agir em vez de ficar sentada no café a comentar que tudo está errado, que há muita injustiça para muitos.

Porque não acredito que haja alguma fórmula mágica política que vá resolver todas as desigualdades - esta mudança não pode ser só imposta de cima para baixo, tem de começar por baixo (consciência individual, associativismo, sociedade civil) para se instalar verdadeiramente.

Porque não quero que a minha vida seja só estudos/borga/amigos agora, nem trabalho/ marido/família daqui a uns anos - acho tudo isto muito importante e central na minha vida, mas acho que se pode alargar mais os horizontes que isto, pode conhecer-se a realidade, a vida e

as pessoas de uma maneira mais profunda.

Porque rejeito a realidade descartável que é constantemente injectada na minha geração (e não só), que nos entra pela casa a dentro, pela qual procuram



formatar-nos o cérebro e a atitude: marcas, produtos, hábitos, televisão, rádio, internet, publicidade, consumo, consumo, verdadeiros limites à liberdade de cada um, volumes inacreditáveis de informação, mal digeridos pior uma mentalidade dominante cada vez mais apática, indolente e, no fundo, desinformada.

Acredito que o mundo pode ser melhor que isto se todos

conseguirmos ser mais críticos e também mais activos em relação ao que nos rodeia. Para mim, o voluntariado é simultaneamente um olhar crítico e uma postura activa perante aquilo que se vê. Sei que todo o trabalho voluntário que é desenvolvido actualmente não chega para mudar o mundo e tenho noção que a minha acção individual - o contributo da Maria - também não o vai mudar, mas acredito que faz muita diferença - a todos a quem chegar (por poucos que sejam...), por um lado, a todos os outros que fazem voluntariado (porque a minha gotinha de cor, muito pessoal, é mais uma a formar o seu oceano colorido que todos os dias vive e cresce com novas gotinhas) por outro...E a mim faz-me muita diferença, porque faz parte dos meus objectivos pessoais viver a realidade desta maneira, viver a minha vida assim e dar o meu modesto contributo para a concretização daquilo em que acredito. E acredito cada vez mais que isto não são só lugares comuns bonitos (apesar de ser difícil fugir-lhes, explicar de outra maneira) e cada vez fazem mais sentido para mim.

Maria Pinto
Voluntária do ISU - Instituto de
Solidariedade e Cooperação Universitária

ESCOLHER o Voluntariado

Chamo-me Maria Amélia Barroso Pinho Xara-Brasil, tenho 43 anos, sou funcionária pública, faço Voluntariado há 12 anos ao domingo à noite no serviço de urgência do hospital de São José. Desde 1999 que coordeno o grupo de Voluntariado, actualmente com 95 voluntários distribuídos por 3 turnos.

Costumo dizer que a vida é feita de opções. Uma das grandes opções da minha vida, foi exactamente, estar junto daqueles que sofrem e que por motivos vários se dirigem ao serviço de urgência em situações por vezes bastante complicadas.

Durante todos estes anos tenho tentado ajudar a minorar o seu sofrimento procurando acompanhá-los, ajudá-los, encaminhá-los e ouvi-los, sem fazer juízo de

valores ou simplesmente respeitando o seu silêncio.

É muitíssimo importante que se estabeleça com os familiares que se dirigem ao serviço de urgência em situações de grande angústia e por vezes grande desgosto, quando confrontados com a morte.

Tenho a mania de dizer que sou voluntária de dentro para fora, quero dizer com isto que não entrei para o Voluntariado para dizer que sou voluntária, porque é chique ser voluntária ou para usar uma bata diferente, ou ainda porque não tinha mais nada para fazer. Entrei para o Voluntariado porque quis que ele fizesse parte da minha vida, porque me propus oferecer o tempo que me faz falta e não o tempo que me sobra.

Quando penso que tenho muito para dar acontece exactamente o contrário. Tenho recebido testemunhos de lições de vida maravilhosos que não vou esquecer nunca.

Cada domingo, antes de iniciar o meu voluntariado faço o propósito de não generalizar e não banalizar as situações vividas. Esforço-me cada dia para que o meu voluntariado seja feito com o mesmo entusiasmo, com a mesma dedicação como se da primeira vez se tratasse.

Embora cansada, no fim de cada domingo sinto-me satisfeita com a certeza do dever cumprido!!!

O Voluntariado é realmente um trabalho muito gratificante que dá sentido à minha vida.

Maria Amélia Xara-Brasil
Voluntariado do Hospital de S. José

Ser Voluntário

Ser Voluntário é estar disponível para dar sem pensar no que se vai ou não receber.

Como Bombeiro Voluntário dou o que posso e por vezes o que não posso em prol dos outros. Recebo? Claro que sim! Recebo na medida em que ao estar a dar, estou a contribuir para o aumento da minha auto-estima e essencialmente para a motivação na óptica do Voluntariado. Não podemos esquecer que vivemos num mundo cada vez mais consumista e individualista.

Quando se vai para uma Emergência Médica em que nos deparamos com uma

vítima em paragem cardíaca e se aplica correctamente o protocolo de actuação e se consegue reanimar essa vítima, não existe nada que pague a forma como nos sentimos quando, ao passar na rua nos deparamos com essa pessoa a sorrir para nós. O seu sorriso é a maior recompensa que se pode ter. Eu respiro voluntariado! Eu preciso ser voluntário para viver!

Eu preciso dar e continuar a dar porque todos temos muito para dar!

Não é preciso pré-requisitos para dar... dar é um gesto tão

simples, não magoa, não fere... conforta!

TODOS OS DIAS QUANDO ACORDO ESTOU A RECEBER, A RECEBER MAIS UM DIA DE VIDA! SE RECEBO... ENTÃO, VOU REPARTIR UM POUCO PELOS OUTROS!!!

Francisco Graça
Bombeiros Voluntários da Azambuja